

DÍVIDA EXTERNA

FMI rejeita negociação em bloco com América Latina

CIDADE DO MÉXICO — O Fundo Monetário Internacional (FMI) se recusa a fazer renegociação em bloco da dívida externa dos países em desenvolvimento — principalmente os da América Latina e reitera que o problema deve ser estudado caso por caso, "mediante acordos sensatos". Essa decisão consta de documento assinado pelo Diretor-Gerente do Fundo, Jacques de Larosière, distribuído ontem aos 146 países-membros.

A posição do FMI contraria a carta conjunta do Brasil, México, Argentina e Bolívia, que deverá ser

reapresentada quarta-feira próxima, em Londres, antes da reunião de três dias dos sete maiores países industrializados. O documento defende a revisão em bloco dos problemas econômicos latino-americanos. A dívida da América Latina totaliza US\$ 350 bilhões. Brasil, México e Argentina são responsáveis por dois terços. O Brasil é o maior devedor, com US\$ 96 bilhões.

No documento, Larosière reconhece que as recentes crises provocadas pelas dívidas dos países em desenvolvimento plantaram as sementes de um grave perigo para o sistema

financeiro internacional, com reflexos no comércio exterior. Reconhece ainda que as possibilidades do encontro de soluções capazes de equacionar os problemas de forma ordenada se exauriram, devido à recessão e à considerável restrição dos créditos comerciais.

Mas Larosière não abre mão das teses-mestras do Fundo e afirma:

— Um crescimento econômico firme nos países industrializados teria uma repercussão importante no quadro dos pagamentos a serem feitos pelas nações devedoras. Nos países mais endividados, a adoção

de rígidos programas de ajuste constitui a base para seus problemas.

De acordo com Larosière, a maioria dos Países latino-americanos que aplicam programas traçados pelo FMI — principalmente Brasil e México — conseguiram alcançar "considerável redução" das pressões deficitárias em suas finanças, "que basicamente são a causa de seus problemas". Larosière mantém esse ponto-de-vista mesmo reconhecendo que "não são fáceis" os sacrifícios a que as nações endividadas tem de se submeter para dar andamento ao programa de ajuste.

“ Os governos da América Latina, diante da opção de alimentar seus povos ou pagar suas dívidas aos banqueiros estrangeiros, vão primeiro garantir a comida da população ”

MANUEL ULLOA, Primeiro Ministro do Peru (em Miami, ontem, comentando a decisão do FMI)

